

# MEU TIPO INESQUECÍVEL

*James Saxon Childers*

**E**RNIE ROGERS escreve um artigo diário para o *Journal* de Atlanta. Nunca escreveu, que eu saiba, uma linha pouco generosa, ou invejosa, sobre quem quer que fôsse. E eu sou o diretor do jornal. No entanto, Ernie poderia facilmente invejar os outros, quando os vê correrem e andarem, porque há cerca de 50 anos é obrigado a usar muletas.

A gente de Atlanta o chama de “Prefeito da Rua dos Pessegueiros”, e todos sorriem quando dizem isso. Não há quem não conheça Ernie, não há quem não o cumprimente. Quando êle passa, ginguando, olhando para todos os lados, à sombra do seu velho chapéu, vai levantando a mão da muleta para acenar aos amigos. Ernie leva muito tempo para percorrer uma quadra, porque as pessoas o fazem parar e conversam com êle. Uns têm uma pilhéria a

contar, outros têm notícias para a sua coluna; outros têm alguma história dolorosa para confiar ao homem que está sempre disposto a ouvir e nunca tem pressa. Ernie é o homem mais querido de Atlanta.

Em 1899, quando tinha dois anos, Ernie foi atacado de poliomielite e ficou paralítico dos braços e das pernas. Aos poucos seus braços recuperaram o movimento, mas a perna direita ficou para sempre inutilizada e a esquerda não estava em muito melhores condições. Puseram-lhe braçadeiras tão pesadas que êle mal podia arrastá-las. Afinal, desistiram e deram-lhe o primeiro par de muletas.

Ernie passava horas num pequeno ginásio que seu pai construiu no quintal da casa. Fazia exercício nas paralelas e no trapézio. Já que não podia andar com os pés, aprenderia a andar



com as mãos melhor do que qualquer menino da vizinhança. Êle se esforçou até que conseguiu dar a volta ao quintal e subir escadas equilibrando-se nas mãos. Com isso adquiriu braços e ombros poderosos.

Um dia, um menino chamou Ernie de "aleijadinho". Ernie lutou com êle, venceu-o e, dentro em breve, os garotos começaram a chamá-lo de "Red", alcunha honrosa para êle.

Mais tarde Ernie ouviu dizer que os meninos da vizinhança pretendiam escalar a Montanha de Pedra, de quase 300 metros de altura, tôda de sólido granito. Ernie não foi convidado mas acompanhou-os assim mesmo. Na subida, gastou completamente as ponteiros de borracha das muletas. Ao descer, apoiado apenas nas pontas de metal, escorregava e às vêzes caía; mas ninguém se oferecia para ajudá-lo. Até os garotos compreendiam afinal o que era brio e fortaleza de ânimo.

Acima de tudo, Ernie desejava ser como os outros meninos e participar de tôdas as suas atividades. Não tinha acesso aos *teams* atléticos, mas tornou-se o marcador de pontos dos jogos da escola secundária. Foi depois eleito chefe da torcida. Com a excitação de uma vitória, saltou de um estrado e partiu o joelho. Mas era o joelho da perna inválida e não lhe fazia grande falta. Desprezando a dor, foi êle quem chefiou o desfile depois da vitória. Era quase a mesma coisa que pertencer ao *team* e machucar-se no jôgo. Não parecia tão diferente assim dos outros.

Aproximava-se o grande jôgo da temporada e Ernie queria levar uma pequena. Tinha a atenção voltada na ocasião para uma garota de cabelos castanhos, a mais bonita da redondeza, e ela aceitou o convite para ir com êle. No dia do jôgo, Ernie comprou uma flor e engraxou os sapatos. Quando acabava de aprontar-se para sair, o telefone tocou: a mocinha de cabelos castanhos disse que não estava sentindo-se muito bem e que não podia ir ao jôgo. Mais tarde, Ernie soube a verdade. Ela não queria ser vista no jôgo com um aleijado.

Ernie ressentiu-se com a recusa e fechou-se em si mesmo, até com relação aos próprios rapazes. Uma impressão de insuficiência, alimentada pela lamentação dava-lhe um permanente sentido de insegurança.

Foi nesse estado de espírito, perplexo e frustrado, que êle ingressou na Universidade Emory e pela primeira vez se afastou de casa. Vagava pelo ambiente universitário sozinho e infeliz, pensando apenas em si mesmo e mergulhado em ressentimentos por causa da sua invalidez. Arrastou-se durante as seis primeiras semanas, pensando em desistir de tudo e voltar para casa. De repente, num ímpeto de altivez, resolveu mostrar aos colegas quem era o melhor aluno da universidade. Havia de conquistar tôdas as distinções.

E faltou pouco para que assim acontecesse. Foi presidente do centro academico e diretor de vários clubes estudantis. Fundou e dirigiu

o jornal da universidade. Foi membro do grupo coral masculino e conquistou as mais altas distinções nos estudos.

Entretanto, faltava alguma coisa. Conquistara uma situação privilegiada na universidade, mas, inexplicavelmente, não sentia satisfação com isso. Voltou-se para outros interesses, à procura de felicidade. Deu para beber um pouco. Não muito, só de vez em quando.

Ernie resolveu ser jornalista e, apenas se formou arranjou emprêgo num jornal do interior. Três meses depois transferiu-se para o *Journal* de Atlanta. O redator-chefe declarou-lhe:

—Não espere regalias pelo fato de usar muletas.

Ernie respondeu:

—Regalia é justamente o que eu não quero.

Dentro de pouco tempo, começou a ser conhecido por “aquêlê sujeito ruivo, que usa muletas” e várias pessoas começaram a dar-lhes informações de primeira mão, que o habilitavam a furar os competidores.

Ernie foi promovido, mas a sua sensibilidade era cada vez maior e êle se negava a considerar as pessoas como boas e amigas, acreditando que davam as informações por pena. Fechou-se ainda mais em si mesmo. Deu para beber com mais freqüência. As coisas se passaram assim durante anos, e os amigos de Ernie não sabiam qual seria o resultado.

Além do seu trabalho no jornal, Ernie começou a fazer um programa

de rádio. Era um programa de boa aceitação, mas que nada tinha de notável, até que, num dia de Natal de mil novecentos e trinta e poucos, êle fêz uma certa comunicação. Ninguém sabe o que motivou tal comunicação mas, por alguma razão, o homem aleijado esqueceu suas preocupações consigo mesmo e começou a pensar em outros homens—homens solitários, ou miseráveis, ou aleijados.

Ernie comunicou a irradiação de um novo programa que se chamava “Presenteadores de Alegrias Não Organizados”, e convidava pessoas a contribuírem para a alegria do Natal de outros. Foram recebidos milhares de dólares. Cada vez que as contribuições baixavam, Ernie contava uma pilhéria, ou cantava uma canção, ou fazia um apêlo, e chegavam mais contribuições.

O programa continuou durante quase dez anos. Eram tantos os ouvintes que desejavam ouvir sua voz com mais freqüência, que êle foi nomeado noticiarista. O horário de Ernie era às 7h 15m da manhã, mas mesmo a essa hora conquistou um público de cêrca de três milhões de ouvintes. Dava as notícias, mas era ouvido por alguma coisa mais. É que falava como se conhecesse as aspirações de cada pessoa. Ressoava no seu programa, cada vez mais, uma nota de vitória. Êle falava em coragem e amor-próprio.

Ernie Rogers afinal pusera de parte completamente qualquer preocupação consigo mesmo e com a sua invalidez. Não havia mais amargura

nem medo. Havia uma esposa encantadora, um filho e toda a humanidade, principalmente os solitários, os doentes e os aleijados. A garrafa de bebida ficou na prateleira, intacta, como até hoje continua.

Talvez a sua crônica mais conhecida tenha sido a que escreveu sobre Joe Kelly, um professor secundário subitamente acometido de paralisia. Ernie o visitou no hospital. Era época de Natal e Ernie terminou sua crônica sugerindo que todos escrevessem a Joe Kelly um cartão de Natal. E acrescentou um pós-escrito: "Joe está mal de vida, de modo que seria conveniente juntar ao cartão uma nota de um dólar." A correspondência foi levada para o quarto de Joe em cestas. Mandaram quase 4.000 dólares.

Tem havido muitos outros como Joe nas crônicas de Ernie, pessoas preocupadas que encontram uma palavra amiga, homens e mulheres em dificuldades que encontraram auxílio.

Ernie escreve na redação do *Journal* todas as manhãs. Por volta de 11h 30m ouço a batida de suas muletas quando ele atravessa a sala para trazer-me o seu original. Ernie é calvo e só lhe resta uma orla de cabelos ruivos, que vão escasseando. Seu riso é a característica mais saliente da sua fisionomia. Está hoje um pouco barrigudo e o gosto pela boa mesa vai dobrando a sua papada, mas os seus movimentos não são absolutamente pesados quando ele atravessa a sala gingando, atira o original na

minha mesa e senta-se ao meu lado. Coloca a perna direita sobre a esquerda e pergunta:

—Quais são as novidades?

Um minuto antes eu posso estar preocupado com uma dúzia de responsabilidades; mas, não sei por que aquele sujeito sorridente junto da minha mesa faz parecer bobagem qualquer tensão ou preocupação. Sem me dar tempo de pensar em novidades, Ernie já me contou uma porção. Algumas são reais e outras provêm apenas de sua fantasia desencadeada—geralmente uma de suas histórias inverossímeis—mas todas são divertidas. Nunca passa muito tempo quando Ernie está falando, sem que comecem a chegar visitantes.

As crônicas de Ernie são pontilhadas de versos e trocadilhos horrosos e de um apoio obstinado a causas perdidas. Entretanto, sua mão é ágil para tirar a máscara dos hipócritas. No fim de sua crônica, Ernie sempre deseja felicidades às pessoas que fazem anos naquele dia.

Conversava-se sobre isso um dia, num almoço de que participava um grupo de cidadãos de Atlanta, quando ocorreu a alguém que quem merecia felicitações de aniversário era o próprio Ernie Rogers. Resolveram então organizar uma pequena homenagem. A notícia correu e uma porção de gente começou a perguntar se podia aderir. A coisa não era absolutamente organizada—havia centenas de pessoas que queriam dar parabéns a Ernie.

Ninguém pediu coisa alguma, mas quando o hotel soube para quem era o banquete cedeu o salão de graça forneceu o jantar a preço abaixo do custo. Uma tipografia ofereceu gratuitamente as oito páginas do programa-menu. Os músicos do Atlanta improvisaram uma orquestra e ofereceram-se para tocar.

As pessoas enviavam mais do que o preço do jantar e diziam:

—Precisamos dar um presente a Ernie.

A primeira idéia era dar-lhe um relógio. Depois, a coisa foi crescendo e, diante dos montes de cheques, alguém resolveu:

—Ora, vamos dar-lhe um automóvel.

George Biggers, diretor-presidente do *Journal*, ouviu falar no assunto e disse:

—Se faltar dinheiro para o automóvel, é só me dizer: o jornal cobrirá a diferença.

O *Journal* não precisou entrar com um centavo. Os moradores de Atlanta, os “Presenteadores de Alegrias Não Organizados”, compraram para Ernie Rogers um Pontiac conversível. O agente vendeu o carro a preço de custo e acrescentou os acessórios mais elegantes que pôde arranjar.

Na noite do aniversário de Ernie, os vizinhos ficaram espantados quando viram aproximar-se um tintureiro, tocando a sirene, e parar diante da casa de Ernie. O chefe de polícia declarou que queria falar-lhe.

O chefe tomou das algemas.

—Ernest Rogers, você está prêso! Ernie disse:

—Se puserem isso em mim, eu não posso andar.

—Eu carrego você—disse o chefe.

Fechou as algemas, pegou Ernie no colo e carregou-o até o carro. Com a sirene a tôda fôrça, o carro seguiu para a cidade. Ernie berrava imprecações e esmurrava as paredes do carro com as algemas. Quando o tintureiro entrou na Rua dos Pessegueiros, acenderam-se os faróis de seis motocicletas e uma escolta policial abriu caminho para o centro da cidade.

O cortejo parou diante do Dinkler-Plaza Hotel e o chefe de polícia abriu a porta do carro. Dois policiais reforçados fizeram com os braços uma cadeirinha e Ernie foi levado para o salão de banquetes, algemado, com a perna doente pendurada, balançando. Quatrocentos homens se puseram então de pé, em tremenda ovação. Naquela noite, Atlanta procurava dizer a um homem o que êsse homem vinha há tantos anos dizendo à cidade.

Terminado o banquete, um dos advogados mais conhecidos de Atlanta, de toga e cabeleira branca, tomou seu lugar numa cadeira de juiz. Os presentes recuaram as cadeiras, gritando e vaiando quando Ernie foi levado, risonho e contente, para o banco dos réus.

O julgamento começou e Ernie foi acusado dos seguintes crimes: 1) fazer-se passar por outra pessoa; 2) criar distúrbios; 3) roubar.

Foram chamados como testemunhas seu pai, um dos seus antigos professores da escola secundária, o reitor da Universidade, velhos companheiros de rádio, amigos do jornal, banqueiros e *boys* de hotéis que subiram ao estrado e testemunharam contra Ernie Rogers, confirmando as acusações.

Ernie foi considerado culpado, por decisão unânime do júri—que era constituído de tôdas as pessoas presentes na sala, mais tôdas as pessoas que não tinham podido comparecer e haviam mandado cartas e telegramas. Foi considerado culpado de “fazer-se passar por vários indivíduos, porque era ao mesmo tempo tantas pessoas extraordinárias fundidas numa só”. Culpado de “provocar distúrbios porque os amigos gostavam de reunir-se em tôrno dêle onde quer que estivesse”. “Culpado

de roubar os corações de milhares de seus amigos.”

Acompanharam-no até à frente do hotel, onde sua esposa o esperava no carro novo, e abriram alas nas calçadas, interrompendo o trânsito, e cantando *Parabéns a Você*. Estavam ainda cantando quando o carro se afastou, a caminho de casa, guiado pela Sr.<sup>a</sup> Rogers, que levava a seu lado um homem feliz.

Ernie avançara muito desde aquela manhã do jôgo de futebol, em que a mocinha não havia aparecido. Deixara longe os tempos de amargura e ressentimento, quando duas muletas não bastavam e êle tentara uma terceira—o álcool. Ernie Rogers largara tudo isso. Tornara mais leve o seu próprio fardo tomando a si as penas de outros homens, e ascendera à sua elevada posição atual de bem-amado Prefeito da Rua dos Pessegueiros.



### *O General Era Incapaz Para o Serviço Militar*

**O**S ESTADOS UNIDOS conquistaram sua independência da Inglaterra sob a liderança militar de um soldado que seria recusado sumariamente por uma junta de recrutamento moderna. Quando George Washington assumiu o comando do Exército Continental em 1775, escreve o Dr. Rudolph Marx em *American Heritage*, o general de 43 anos era um homem irremediavelmente “incapaz para o serviço militar”, em virtude de já ter sofrido de varíola, influenza, pleurisia tuberculosa, desinteria e malária. Apesar de seu precário estado de saúde, diz Marx, “não temos notícia de que George Washington se tenha revelado alguma vez incapaz durante tôda a Guerra da Independência”.